

# À ACADEMIA E À CIDADE



1 - Pretendendo o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) realizar uma digressão nas férias da Páscoa contactou com diversas localidades nomeadamente Faro.

A entidade que pretendíamos fosse organizadora do nosso espectáculo nessa cidade, o Grupo Teatral do Círculo Cultural do Algarve, declinou a responsabilidade dessa organização por motivos de vária ordem, nomeadamente porque:

1. "... a casa de espectáculos de Faro custa 6 000\$00 e que com os vossos 5 perfaz 11 000\$00 que é a receita habitual da sala, completamente cheia, aos preços normais de teatro, sem esquecer a circunstância de que o trabalho da Oficina de Teatro que cá esteve no ano passado desprestigiou bastante o Teatro Universitário Coimbrão."
2. "Teríamos o maior prazer em trabalhar na organização da vossa vinda mas não vamos nas condições indicadas como fazer frente aos encargos económicos. Se não houver a preocupação de fazer frente às despesas, como aconteceu com a Oficina de Teatro, então muito bem."

(Cfr. carta recebida no TEUC em 20/III/970. Os sublinhados são nossos)

Através desta carta ficamos certos de uma coisa: a Oficina de Teatro, levemente subdiada (em detrimento, evidentemente, de outros Organismos Académicos) dedicou a sua actividade do ano transacto, a desprestigiar o Teatro Universitário.

Mas não ficou por aqui a árdua tarefa desses senhores. No presente ano lectivo realizaram nova digressão, desta feita por terras de Angola.

A expressiva entrevista do presidente da Oficina ao jornal "O Lobito" é por demais elucidativa para que nos vejamos forçados a transcrevê-la. Diz "O Lobito":

... "Cuvimos para o nosso jornal alguns destes elementos. O primeiro que se dignou fazer-nos declarações foi o Dr. Manuel Eugénio Pimentel Cavaleiro Brandão, presidente da Direcção. Trata-se de um moço cujas qualidades de inteligência têm sido reveladas ao longo de um curso brilhante. Um moço conhecido pela visão equilibrada acerca dos problemas deste mundo inquieto em que vivamos. Um moço de grande prestígio na Academia coimbrã. Fizemos-lhe algumas perguntas.

- Como nasceu na Universidade de Coimbra a Oficina de Teatro?

Ben dentro do assunto que tem sido a paixão da sua vida de estudante, o Dr. Cavaleiro Brandão responde prontamente:

- O Teatro Universitário, cuja importância dentro da vida cultural tem vindo a aumentar extraordinariamente, tem já longas tradições em Coimbra. Acontece, porém, que os dois grupos já existentes de forma alguma vieram cumprindo a missão que, na Universidade Portuguesa, se há-de exigir aos organismos culturais: completar a formação universitária da nova geração portuguesa, futuramente dirigente. Pelo contrário: eles têm representado verdadeiros focos propagadores de doutrinas anti-nacionais e têm tido papel preponderante na chamada crise de Coimbra, especialmente no plano extra-universitário no pior dos sentidos da revolução. Face a semelhante estado de coisas, impunha-se em Coimbra a criação dum organismo cultural que viesse satisfazer as necessidades da juventude verdadeiramente portuguesa.

- Estão à vista, portanto, os fins da Oficina de Teatro...

- Effectivamente, os fins da nossa instituição são completar a formação dos seus membros integrando-os nos problemas universais da Cultura, sob uma perspectiva nacional, dando-lhes, por outro lado, a vivência de uma orgânica que pretende ser a concretização da ideia corporativa da Universidade, coerente mas perfeitamente modernizada."

Depois de discorrer sobre qual foi a actividade da Oficina de Teatro, o "Dr. Cavaleiro Brandão" termina:

- "Esta peça é especialmente dedicada a Angola e à sua gente. Queremos que a nossa presença seja inequívoco testemunho de fé, de confiança, na força de vontade postuma luta por um Portugal cada vez maior, uno e indivisível.

Não quisemos ficar-nos por fórmulas de sentido, às vezes, equívoco. Vimos tentar colaborar efectivamente na ideia que se deseja impetavelmente realizada: uma cada vez mais perfeita integração da grande unidade nacional."

E "O Lobito", a terminar, acrescenta:

"Muito obrigado, Dr. Cavaleiro Brandão, pelas palavras tão oportunas, tão cheias de fé que se dignou transmitir-nos."

Se subsistissem algumas dúvidas sobre qual foi o verdadeiro papel representado pelos elementos da Oficina, as cartas, que a seguir transcrevemos, enviadas pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Angola, encarregavam-se de as anular.

Como até aqui os sublinhados serão da nossa autoria.

1ª Carta

nº 119/70  
Pº. D-2

Luanda, 11 de Abril de 1970

Ex.mo Senhor  
Presidente da Direcção-Geral da  
Associação Académica de Coimbra

COIMBRA

Deslocou-se a Angola, recentemente, a Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra, a qual não teve nesta Província um comportamento à altura das tradições da Academia Coimbrã. O Prof. Miranda Barbosa, que acompanhou este agrupamento, proferiu palavras que foram consideradas ofensivas da dignidade dos universitários de Coimbra.

Julgamos, portanto, nosso dever enviar a V. Ex.cia uma cópia do officio que enviamos à Oficina de Teatro, bem como um extrato das palavras proferidas pelo Prof. Miranda Barbosa em Novo Redondo e alguns recortes de jornais.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Ex.cia os nossos melhores cumprimentos e as mais vivas e cordiais

SAUDAÇÕES ACADÉMICAS

a) Prof. Doutor Luciano dos Reis

Anexo:

Cópia do officio enviado à Oficina de Teatro, extrato de um discurso proferido pelo prof. Miranda Barbosa e recortes dos jornais desta Província.

Nota: - Foram enviados officios do mesmo teor às seguintes entidades

Ex.mo Senhor Reitor da Universidade de Coimbra, Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra, em Coimbra, Beira, Lourenço Marques e S. Paulo (Brasil).

2ª Carta

nº 114/70  
Pº D-5

Luanda, 4 de Março de 1970

Ex.mo Senhor  
Director da Oficina de Teatro

Acceou esta Associação a tratar dos assuntos relativos à via

ger da Oficina de Teatro e Angola, em colaboração com entidades oficiais por se tratar de um organismo académico de Coimbra, e por A.A.E.C.A. ter por norma recolher, da melhor forma possível, todas as organizações dos estudantes de Coimbra, independentemente do seu pendor político ou religioso.

Fê-lo, mais uma vez, porque partiu do princípio de que se tratava duma agremiação que honrava o bom nome da Academia de Coimbra, e que, mais uma vez, Coimbra e a sua Universidade sairiam prestigiadas da sua actuação em Angola.

Infelizmente, o comportamento dos membros da Oficina de Teatro em Angola fez-nos corar de vergonha; e, o que é mais grave, as atitudes indecorosas dos estudantes (ou antes, daqueles que envergavam capa e batina, pois não cremos que fossem verdadeiros estudantes) aliaram-se as palavras estranhas proferidas pelo Senhor Prof. Miranda Barbosa, ofensivas da dignidade da Academia e da Universidade.

Lamentamos, profundamente, o apoio que demos à Oficina de Teatro. Não voltaremos a conceder-lho, por respeito para com a Academia e a Universidade a quem tanto queremos... É ardentemente desejamos que a Oficina de Teatro tenha o destino que merece: desapreça, e rapidamente, como organismo, da cena Coimbrã.

Pela Direcção da A.A.E.C.A.

O Presidente,

a) Prof. Luciano dos Reis

Extrato do discurso proferido pelo Prof. Miranda Barbosa em Novo Redondo

"... Ora, eles vieram aqui, sobretudo para afirmar que a juventude portuguesa não está toda ela desinteressada dos grandes problemas nacionais e que, embora haja contestação e contestação nas Universidades que tem por fim imediato criar um clima para evitar a incorporação dos universitários nas Forças Armadas e portanto, para impedir que haja uma resistência nacional..."

II - O TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), Organismo Autónomo da Academia de Coimbra fundado em 1938, e com os Estatutos aprovados superiormente, não pode tolerar que o seu nome venha sendo aproveitado pela Oficina de Teatro que assim usufrui das vantagens que possam derivar do mais de trinta anos de trabalho honesto em prol da formação cultural do Povo Português.

A confusão é notória e assaz frequente na imprensa, que tem publicado notícias referentes à Oficina de Teatro dos Estudantes de Coimbra (O.T.E.C.) designando-a apenas por Teatro dos Estudantes de Coimbra. Comprova-o o facto de a organização "RECORTE" nos enviar regularmente os recortes do noticiário respeitante à Oficina de Teatro. Se isto se passa a nível de imprensa mais ou menos responsável, é fácil imaginar como a verdade dos factos e a inexistência de qualquer ligação entre TEUC e OTEC podem passar despercebidas ao público pouco avisado.

Permitimo-nos recordar que, como pessoa colectiva, o TEUC é titular de direitos de personalidade, nomeadamente o direito ao nome assim consagrado no artigo 72º do Código Civil:

- "1. Toda a pessoa tem direito a usar o seu nome completo ou abreviado, e a opor-se a que outrém o use ilícitamente para sua identificação ou outros fins.
2. O titular do nome não pode, todavia, especialmente no exercício de uma actividade profissional, usá-lo de modo a prejudicar os interesses de quem tiver nome total ou parcialmente idêntico; nestes casos, o tribunal decretará as providências que, segundo juízos de equidade melhor conciliam os interesses em conflito."

A paciência tem limites, e o TEUC não exclui qualquer processo de defender o uso do seu nome e o seu bom nome, difamado pelo presidente da OTEC ainda que este seja "um moço de grande prestígio na Academia coimbrã" (!!) nas expressivas palavras de "O Lobito"...

Resta-nos dizer com o Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Angola:

"ARDENTEMENTE DESEJAMOS QUE A OPICINA DE TEATRO TENHA O DESTINO QUE MERECE: DESAPAREÇA, E RÁPIDAMENTE, COMO ORGANISMO, DA CENA COIMBRÃ".

A DIRECÇÃO DO TEATRO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA